

## **Protestos das ruas às redes: pode tudo na internet? Um estudo de caso do dia em que o Twitter da revista Veja foi invadido**

Rackel Cardoso Santos GUIMARÃES<sup>1</sup>

### **Resumo**

A internet é considerada como a “terra de ninguém”, onde tudo pode ser publicado e falado abertamente, onde ainda não há limites nem leis eficazes. Na era digital em que vivemos é quase obrigatório para as empresas de comunicação estarem inseridas no meio online para ficarem mais perto do seu público, que agora também está no mundo virtual. Mas na rede não há segurança e o inesperado pode acontecer. Foi o caso do perfil da revista Veja no Twitter, @Veja foi hackeado em dias de movimentos sociais de rua no Brasil, movimento que invadiu também as redes online. Analisando esse momento, o objetivo deste trabalho é levantar questionamentos éticos sobre a liberdade que os internautas têm de expressar suas opiniões e revoltas na rede.

**Palavras Chaves:** Veja. Ética. Hacker. Liberdade. Internet.

### **Abstract**

The web is considered land of nobody, where all can be published and spoken openly, where there is no limits or efficient laws. In the digital era where we live is almost mandatory for communication companies be inside the online medium to stay closer of your public. But, in the web there is no security and the unexpected can happen. It was the case of the profile of the magazine Veja on the twitter. @Veja was hacked in the days of street social movements in Brazil – movement that also invaded the online networks. Analyzing this moment, the objective is to raise ethical questions about the freedom that Internet users have to express their opinions and revolts in the network.

**Key Words:** See. Ethics. Hacker. Freedom. Internet.

---

<sup>1</sup>Mestranda do Programa de Pós Graduação em Jornalismo - PPJ/UFPB. E-mail: rackel\_cs2@hotmail.com.

## Introdução

No mês de junho de 2013 milhões de brasileiros foram as ruas em diversas partes do país protestando e “gritando” pelos seus direitos. Um movimento que desde da época dos caras pintadas não se via no Brasil. O aumento de R\$0,20 nas passagens de ônibus coletivos urbanos em São Paulo foi o estopim para a reunião de tantas pessoas nas ruas do país, mas os ativistas protestavam por diversas causas.

As redes sociais na internet foram fundamentais para esse acontecimento histórico, pois através delas foi possível reunir multidões em praça pública. Conscientizar as pessoas através dos meios eletrônicos online é o que chamamos de ciberativismo, “[...] - que nasce com a entrada de ativistas na rede -, vem com uma proposta de conscientização através da internet. Na maioria dos casos uma movimentação que começa na internet e acaba nas ruas.” (SANTOS, 2011. p. 3).

Para os ciberativistas o uso da internet é um meio de “driblar” os meios de comunicação tradicionais, que na maioria das vezes não oferecem espaço para que a opinião pública se manifeste. Com isso a rede se torna um espaço “público” em que os ativistas podem se manifestar, otimizando o impacto de suas idéias. (SANTOS, 2011. p. 3)

A popularidade que os sites de redes sociais têm no Brasil fez que com inúmeros usuários comentassem, compartilhassem, e de alguma forma participassem do movimento através da internet. Além de relatar suas experiências e seus motivos de protesto, os usuários das redes sociais monitoravam a imprensa, observando a cobertura, criticando e opinando.

A própria imprensa brasileira era um dos motivos do protesto. Jornalistas foram xingados nas ruas, carros de reportagens foram queimados e o perfil da revista *Veja* no site de rede social *Twitter* foi invadido por manifestantes.

Nesse artigo explicaremos o que são e como funcionam as redes sociais na internet e porque as empresas do ramo jornalístico estão aderindo a elas, depois contaremos um pouco da história dos hackers, como surgiram e como agem no ciberespaço, e por fim comentaremos o caso da invasão do perfil da revista *Veja* no

Twitter, os comentários maldosos dos usuários e a liberdade desenfreada que a internet oferece, levantando questões como: Até que ponto essas atitudes ferem a moral e a ética?

Não caberá aqui discutir punições ou leis a respeito de crimes na internet, mas comentaremos as posturas que são tomadas pelos usuários das redes sociais, devido tamanha liberdade que a internet oferece.

## **@Veja nas redes sociais**

Com a internet e os dispositivos tecnológicos móveis, a informação não encontra mais fronteiras e está cada vez mais instantânea. As redes sociais na internet podem ser consideradas uma extensão e até mesmo uma ampliação das redes sociais que formamos ao longo da vida, possibilitando uma interação de forma virtual. Para RECUERO, (2012), a rede social é a utilização de determinadas ferramentas por um grupo de atores para publicar suas conexões e interagir, elas selecionam e repassam as informações que são relevantes para seus grupos sociais.

Segundo o Ibope NetRatings, em 2012, o Brasil era o 5º país mais conectado do mundo, possuindo 79,9 milhões de internautas. Já as pesquisas do Ibope (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística) mostram que em agosto de 2012, o tempo gasto por usuários brasileiros em redes sociais foi de 7 horas e 14 minutos, em média. No mesmo mês *Facebook* somou 30,9 milhões de usuários únicos. Já o *Twitter* marcou 14,2 milhões de internautas. O que mostra a força que as redes sociais têm no cotidiano dos brasileiros.

Os meios de comunicação estão se aproveitando desse espaço para divulgar suas programações, interagir com os usuários, criar perfis em redes sociais, buscando a participação do público, recebendo críticas e sugestões. Vivemos em um mundo midiático e a incorporação de outros dispositivos está sendo inevitável para as mídias tradicionais. Estar cada vez mais próximo do leitor / telespectador/ouvinte é também estar em um sistema híbrido entre o convencional e as novas interfaces que surgem com a evolução tecnológica.

É o caso da revista *Veja*, que agora não se limita ao conteúdo impresso e semanal

para assinantes, agora as notícias são publicas nos perfis de redes sociais da empresa, como *Twitter* e *Facebook*, e no site [www.veja.abril.com.br](http://www.veja.abril.com.br). Esse conteúdo online da revista é constantemente atualizado e não necessariamente os mesmo temas são encontrados nas bancas de revistas, e muitas vezes também o conteúdo online é mais simplório, podendo ser aprofundado na versão impressa ou digital “privada”. A revista deixou de ser periódica, para estar por meios online constantemente se atualizando, *Veja* agora é um grupo híbrido que reúne atividades online, digitais e impressas. O que possibilita interação com os internautas, que não necessariamente assinam a revista, mas têm acesso gratuito a conteúdos virtuais.

Mas, os sites de redes sociais não oferecem nenhuma segurança aos usuários contra invasores e criminosos. E por causa disso muitos perfis já foram hackeados.

## **Hackers**

Na era da pós-modernidade em que vivemos, as construções do mundo real são transportadas para o mundo virtual, e o ambiente do ciberespaço influencia o mundo natural, sendo então considerado como uma forma de realidade. A internet surgiu como um ambiente onde o sujeito pode se comunicar, enviar e receber dados, possibilitando interação entre emissor e receptor, quebrando conceitos entre tempo e espaço.

É nesse universo que nascem os hackers, que podem ser considerados como integrantes da cibercultura. Foram eles que criaram as principais tecnologias desse ramo, o desenvolvimento dos computadores e dos softwares e programas usados nessas ferramentas. Isso ocorreu entre as décadas de 60 e 70, quando não havia ainda uma relação entre o termo Hacker e o crime na internet.

Portanto, os hackers eram os “nerds” de hoje, estudantes, pesquisadores e professores que se uniam para criar programas de computadores cada vez mais sofisticados e práticos.

Foi então que nasceram os “ciber-rebeldes”, grupos ou pessoas que individualmente resolvem invadir os sites na internet, com conhecimento em programação e habilidades técnicas, essas pessoas tiram sites do ar e deixam uma mensagem de protesto.

Segundo Medeiros (2007), em meados da década de 80 a grande imprensa começou a denominar as pessoas que praticam esse tipo de crime, de hacker. Portanto, a imprensa foi a grande responsável pela deturpação do significado do termo **hacker**, passando a ser usado como sinônimo de alguém que usa seu conhecimento para um ato criminoso.

Nascem em meados da década de 90, vários grupos de adolescentes que possuem um pouco de conhecimento em programação, e às vezes nem isso, e usam esse “conhecimento” para fazer algum tipo de ataque muito conhecido hoje como *defacement*. Este tipo de ataque consiste em retirar uma página do ar e colocar em seu lugar uma outra com uma mensagem de protesto, ou, simplesmente, retirar a página do ar pelo prazer de ver o site sem funcionar. (Medeiros, 2007. p. 36)

Ou seja, hacker hoje significa um agente criminoso no ciberespaço, que fere inclusive a ética hacker, criada pelos hackers pioneiros que possibilitaram a maioria das tecnologias da telemática que usamos hoje. Os hackers defendiam um ambiente livre, democrático, onde a elaboração de máquinas e programas fossem sempre para melhorar a vida das pessoas, lutando contra o monopólio das grandes indústrias.

Muitos vírus estão espalhados hoje pela internet muitos anônimos utilizam parte do seu tempo e conhecimento justamente para prejudicar empresas e pessoas que caíam nas armadilhas online, alguns conseguem roubar arquivos pessoais, senhas e dados de outros computadores.

Grandes corporações adquirem programas de proteção contra ataques aos seus sites para tentarem ter uma cobertura contra os invasões da internet, mas às vezes isso não é o suficiente.

Nas redes sociais, ao se cadastrar o usuário cria um *login* e senha de acessos para ficarem “protegidos”, e apenas quem souber os dados pode acessar aquela conta ou perfil. Mas, a maioria deles não oferece nenhuma segurança contra invasores e, inclusive, falsos perfis de famosos e anônimos são criados por pessoas com segundas intenções, são os chamados “fakes” (falsos perfis).

Não existe um controle das empresas criadoras dos programas ou dos sites, nem leis que sejam eficazes contra a criação de “fakes” ou ações dos hackers na internet, por isso, apesar de toda a liberdade que a internet oferece, estar na rede não é sinônimo de segurança.

Os hackers são apontados como inimigos que buscam instalar o caos no ciberespaço. O que a imprensa esquece de dizer é que muitos ataques são concluídos, muitas vezes, em função da incompetência de empresas, como a Microsoft, e do próprio desleixo dos órgãos públicos que deixam as portas abertas em seus sites. O que os hackers têm feito é demonstrar o alto grau de vulnerabilidade que existe na rede. Quem ameaça o comércio eletrônico não são os hackers, nem os crackers, mas a própria constituição da internet, que não foi construída para dar segurança a esse tipo de uso, pelo menos por enquanto. (MEDEIROS, 2007. p. 89)

Aqui levantamos então alguns questionamentos: será que com a midiatização e virtualização da vida os costumes morais e éticos da vida “real” são transportados para o mundo virtual? Existe uma ética do mundo online? Nesse espaço de todos e ao mesmo tempo de ninguém, é possível falar e expressar o que se pensa, fazer o que se quer, mesmo que isso fira a imagem de outros? OS hackers de aproveitam do anonimato e grande amplitude do espaço online para cometerem crimes sem serem descobertos?

## **Hackear para protestar**

Apesar da mídia ainda possuir um grande poder de influencia sobre o cotidiano dos espectadores, os conglomerados midiáticos vêm perdendo espaço para os ambientes online, e é online que as falhas da mídia são ainda mais criticadas e os produtos midiáticos são vigiados pelos agentes do “aqui e agora”, que ao passo que presenciam os acontecimentos e podem relatá-los automaticamente com os outros usuários da rede, vigiam os enquadramentos e focos que a imprensa dá ou não as notícias.

No ciberespaço todos têm poder e possibilidade de ação com o conteúdo, seja reverberando ou comentando as publicações. Portanto novos hábitos, possibilidades e costumes criaram uma nova cultura nessa pós-modernidade, o que Shirky chama de cultura da participação. O autor considera que essas mudanças que estamos presenciando modificam antigos comportamentos:

Novas possibilidades importantes sempre geram alguma reestruturação na sociedade, pois tanto a chegada do novo meio de comunicação quanto o término de antigos limites alteram o nosso tecido conjuntivo. Quanto maior é a diferença entre velhas e novas possibilidades, menos é a probabilidade de que antigos comportamentos permaneçam inalterados. Organizações que contavam com um incontestável acesso ao discurso público ou ações coordenadas não desaparecerão, mas a concorrência com os grupos amadores

e desorganizados vai alterar sua importância relativa. A questão aberta à sociedade é como administrar as mudanças sociais e até mesmo as reviravoltas que chegam com as novas tecnologias. (SHIRKY – 2011. p. 183)

Devido a grande liberdade que a internet proporciona, essas ferramentas de interação são utilizadas agora também como uma forma de ouvir e ser ouvido, vozes que a grande mídia desprezavam agora tem vez no ambiente virtual, histórias e estórias são compartilhadas com o membros da rede virtual. Segundo Costa (2009, p. 240) “essa dispersão deu aos indivíduos instrumentos próprios de comunicação, capacidade que coloca qualquer um além do possível monopólio da informação e lhe dá a chance de visibilidade.”.

Isso motivou também as pessoas a utilizarem desse espaço livre como forma de mobilização e protesto, Segundo Medeiros, (2007, p.23), “os atores sociais passam a usar as redes para defender posições ideológicas e, de certa forma, contestar o poder estabelecido. É claro que esses comportamentos são entendidos, hoje, como formas alternativas de acesso e troca de informações.”.

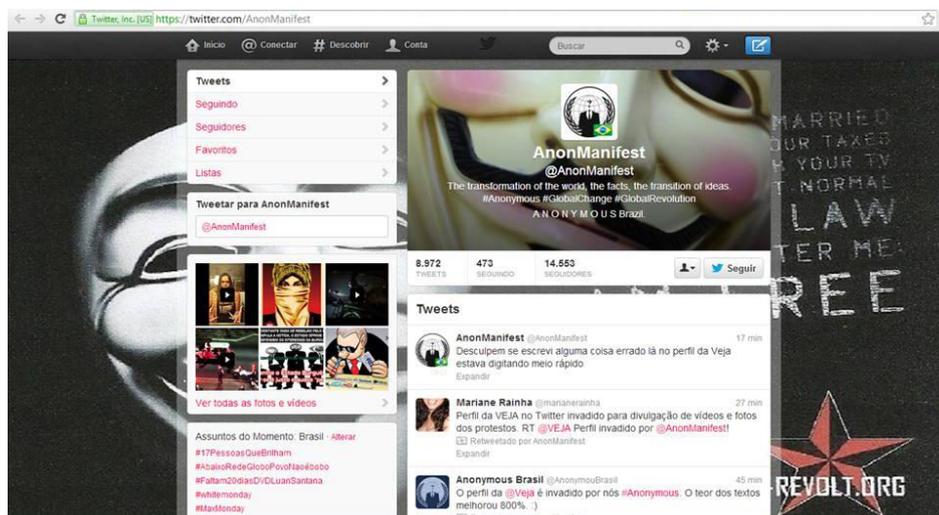
Foi o que vimos no Brasil no mês de junho de 2013, grandes protestos de rua marcaram a história do país por vários dias, tudo organizado, reverberado e muito comentado por meios online. Não se falava em outra coisa na mídia tradicional, nas redes sociais e nas ruas.

E foi justamente nesse período que um hacker invadiu o perfil da revista Veja no Twitter. No dia 17 de junho, no início da tarde, um anônimo cujo perfil na rede social é @AnonManifest (Imagem 1), hackeou o @Veja, publicou mensagens de protesto, convidando a pessoas a participarem das manifestações pelas ruas do país, chamou o jornalismo da empresa de “facista” e modificou o layout da página (imagem 2). O mesmo hacker ainda invadiu o perfil @RadarOnline, da mesma empresa.

No dia invasão vários foram os comentários no Twitter os retweets sobre o assunto. Um erro de português escrito pelo anônimo invasor foi parar nos TrendsTopics (assunto mais comentado do site). A mensagem dizia: “A todos os estados do #Brasil. Vamos dar um **xou** hoje. #OGiganteAcordou e vai ser impossível parar VAI PRA CIMA BRASIL.”O hacker ainda se desculpou pelo erro de português

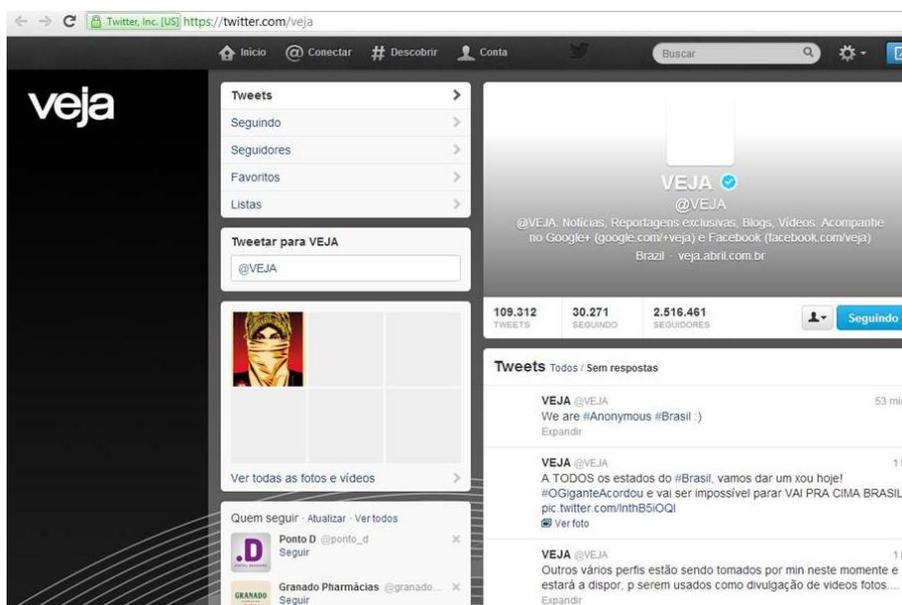
em seu perfil pessoal, mas não teve jeito, a Hashtag #Xou (Imagem 3). foi um dos assuntos mais comentados do Twitter no dia.

Imagem 1



Fonte: [twitter.com/veja](https://twitter.com/veja)

Imagem 2



Fonte: [twitter.com/veja](https://twitter.com/veja)

Imagem 3



Fonte: twitter.com

A Veja publicou prontamente o problema em seu site (imagem 4), e depois em sua página da rede social *Facebook*(imagem 5),informando que a partir daquele momento as mensagens publicadas sem eu perfil no Twitter não eram de autoria da empresa.

Imagem 4



Fonte:vejaabril.com.br/noticia/vida-digital/perfis-de-veja-no-twitter-são-invadidos

Imagem 5



Fonte:Facebook.com/veja

Apesar da invasão de um site ser considerado um crime, ferir os direitos individuais de privacidade, e ultrapassar os limites éticos, internautas de várias partes do país comentaram o assunto na rede social e muitos foram os comentários de apoio ao invasor (imagens 6 e 7), pouco se viu descontentamento nos comentários sobre o crime (imagem 8). Além disso, perfis *Fakes* de humor, como @Valéria\_Bandida (imagem 9) e @Irmã\_Zuleide (imagem 10) que possuem vários seguidores e são famosos na internet, aproveitaram para fazer piada com o caso. O tweet de @Irmã\_Zuleide em menos de 20 minutos foi retweetado 596 vezes.

Imagem 6



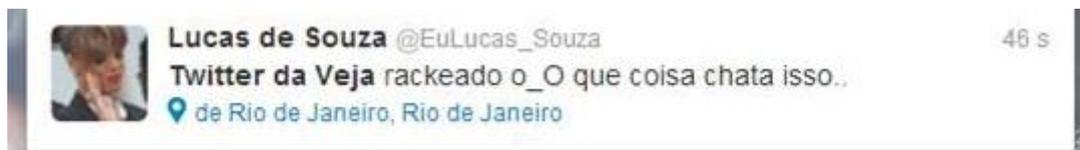
Fonte: twitter.com

Imagem 7



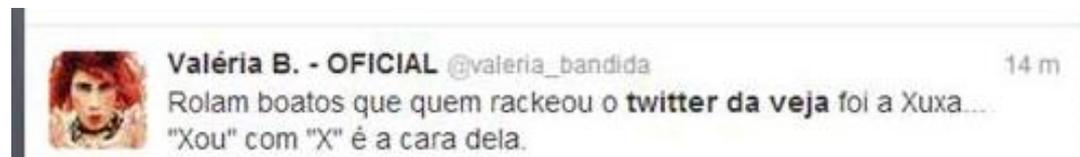
Fonte: twitter.com

Imagem 8



Fonte: twitter.com

Imagem 9



Fonte: twitter.com

Imagem 10



Fonte: twitter.com

Com a ajuda da administração do site, o grupo Veja conseguiu bloquear e posteriormente recuperar o domínio sobre seu perfil no Twitter, publicando mais uma notícia no siteveja.abril.com.br, no final da tarde, sobre a retomada e o funcionamento habitual do perfil.

## Conclusão

Diante desse caso vale refletir-se a liberdade desenfreada que a internet oferece abre espaço para os internautas utilizarem da moral provisória para justificar o apoio a crimes na internet, externando suas críticas e comentários sobre o fato e apoiando os hackers.

A moral e a ética no mundo virtual ultrapassam os “limites” do mundo real, já que a internet é uma terra de ninguém, onde não há leis nem medos. “o indivíduo pode utilizar a rede que compõe a nova mídia sem regra específica, porque não há padrão universal, a não ser as regras que norteiam, desnorteiam (quando existem) cada um conforme a sua própria educação, a sua cultura e os seus costumes. (COSTA, 2009. p. 239)

Alguns defendem que é necessário que exista algum tipo de vigilância no meio virtual para identificar os criminosos, inclusive essa vigilância existe nos Estados Unidos e ao ser descoberta foi demasiadamente comentada e criticada em todo o mundo. O fato é que esse monitoramento foge do princípio básico da liberdade individual, tornando-se uma contradição.

Cabe então levantar aqui alguns questionamentos: a liberdade na internet ultrapassa os limites éticos? A moral e os costumes individuais podem ser quebrados no mundo virtual sem que isso afete seu mundo real e sua convivência com os outros?

As empresas de jornalismo encontram-se em uma situação ambígua, ao mesmo tempo em que devem estar inseridas no ambiente online para estarem atualizadas e acompanharem as mudanças culturais e tecnológicas, ficam a mercê dos comentários e atitudes maldosas de alguns internautas. O ambiente online é um local onde ninguém tem controle do que o outro publica, e nas redes sociais o espaço para críticas e comentários só se amplia, portanto, a empresa se insere nesse meio precisa estar preparada para “ouvir” de tudo. Para Costa, (2009, p. 240) essa convergência é um tema complexo, que faz com que regras éticas de diferentes matrizes se mesquem, criando situações de conflitos morais das mais espinhosas que se relativizam conforme as regras jurídicas de cada país.

Mas claro, a internet não feita apenas de desvantagens, inserir uma empresa em rede social pode ampliar o público, trazer um rápido feedback da opinião pública e promover a interação rápida que outros meios de comunicação não possibilitam.

## Referências

COSTA, Caio Túlio. **Ética, jornalismo e nova mídia: uma moral provisória**. Rio de Janeiro: Jorge Zahad Ed., 2009.

MEDEIROS, Assis. **Hackers: entre a ética e a criminalização**. Florianópolis: Visual Books, 2007.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SANTOS, Fernando Jacinto Anchê. **O ciberativismo como ferramenta de grandes mobilizações humanas: das revoltas no Oriente Médio às ações pacíficas do Greenpeace no Brasil**. Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação Ano 5 - Edição 1 – Setembro-Novembro de 2011.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

## Sites

<https://twitter.com/> (último acesso 20 de junho de 2013)

<http://veja.abril.com.br/> (último acesso 20 de junho de 2013)

<https://www.facebook.com/> (último acesso 20 de junho de 2013)